

SENSIBILIZAÇÕES EXPERIENCIADAS A PARTIR DO CONTATO COM A NATUREZA E SEUS ELEMENTOS

JERÔNIMO NETTO DE AZAMBUJA¹;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – jeronimo.azambuja@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O afastamento das novas gerações do contato com a natureza é uma realidade que tem preocupado muitos pesquisadores e educadores. O crescente processo de urbanização e a vida moderna têm contribuído para que as crianças passem cada vez menos tempo ao ar livre e em contato com a natureza. Richard Louv (2016) aponta que esta falta de contato com a natureza pode gerar o “transtorno de déficit de natureza”, trazendo consequências negativas, principalmente às novas gerações. Larrosa (2022) fala sobre sujeitos formados com muita informação e carentes de experiências reais. No Trabalho de Conclusão do Curso Artes Visuais – Licenciatura, eu reflito sobre a minha relação com a natureza e de como isso me moldou na certeza de ser um arte/educador visual.

Acredito que as práticas artísticas podem ser um meio para o despertar da curiosidade e da criatividade, além de contribuir para o desenvolvimento da percepção sensível e da consciência ecológica desde a infância. A pandemia do COVID-19 reforçou a importância de se promover práticas que envolvam a natureza e seus elementos, principalmente no Ensino Fundamental, uma vez que muitas crianças ficaram privadas de atividades ao ar livre em um período importante do seu desenvolvimento. Neste contexto busco avaliar: **Qual a importância de professores de Artes Visuais estimularem o contato consciente de crianças com a natureza e seus elementos?** Por meio de relatos da minha história pessoal e de análise de práticas de estágio, é possível avaliar a efetividade da sensibilização proporcionada por ambientes naturais e evidenciar a importância do imaginário e da experimentação nesse processo. Dessa forma, considero que a pesquisa pode contribuir para a reflexão sobre a importância do contato consciente das crianças com a natureza e seus elementos e para a adoção de práticas pedagógicas que valorizem essa conexão na formação dos estudantes.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa exploratória e transita pela pesquisa autobiográfica, tendo como público alvo crianças do Ensino Fundamental de uma escola pelotense. Partindo da análise da minha trajetória de vida, de como me reencontrei na certeza de ser um educador em Artes Visuais, demonstro como o contato com a natureza faz parte dessa convicção, alicerçando trabalho numa revisão bibliográfica. Para concluir, reflito sobre aulas ministradas e examino materiais resultantes da prática em sala de aula. São procedimentos metodológicos da pesquisa: revisão bibliográfica; análise da minha história de vida e das relações que tive com a natureza, pensando como isso influenciou no

meu desenvolvimento e sensibilização do meu ser; análise dos materiais resultantes das práticas em sala de aulas durante o estágio no Ensino Fundamental, enfatizando como se deu o contato com o barro em duas turmas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ideias que Richard Louv (2016) apresenta me fizeram perceber que meus anseios como educador e artista, o que vibra em mim, se relaciona com o modo como fui criado. Na introdução do livro, Louv (2016, p. 23) afirma: “Em um intervalo de poucas décadas a maneira como as crianças entendem e vivenciam a natureza mudou radicalmente”. Discutindo sobre o afastamento gradativo do homem com relação à natureza o autor apresenta a “tese sobre a fronteira”, de Frederick Jackson Turner, que sinalizava um ponto de ruptura entre o selvagem e a civilização. Para Louv (2016) estamos agora ultrapassando a barreira anteriormente descrita e entrando em uma “terceira fronteira”

Ainda não totalmente formada nem explorada, essa nova fronteira é caracterizada por pelo menos cinco tendências: a ruptura da consciência pública privada em relação à origem dos alimentos; o desaparecimento da separação entre máquinas, humanos e outros animais; a compreensão cada vez mais intelectualizada da nossa relação com outros animais; a invasão das cidades por animais silvestres (até mesmo quando designers urbanos/suburbanos substituem o ambiente natural pela natureza sintética). E o aumento de uma nova forma de subúrbio. (Louv, 2016, p. 41).

Minhas primeiras lembranças são na chácara onde morei com meus pais, recordo-me da liberdade que eu tinha para explorar o local e cada dia descobrir uma coisa nova, eu gostava de brincar no bosque de eucaliptos, que naquela época parecia bem mais distante do que os trinta metros que o separavam da casa, mas acompanhado dos cachorros eu me aventurava por todo o lugar. Lá também haviam vacas, galinhas, ovelhas, o que me aproximou da produção de alimentos, coisas rotineiras que muitas vezes eu acompanhava, como ir ao galinheiro recolher ovos, ou acordar cedo para ir no galpão pegar o leite ainda quente da ordenha, além dos dias de carneia. Assim, explorando as teorias apresentadas por Louv, que discutem essa mudança, percebi que o estilo de vida que levei nos meus primeiros anos e os contatos com a natureza que continuei a ter por toda infância são anteriores a esta mudança apontada pelo autor. Estes momentos permitiram uma sensibilização que ajudam a me formar como ser humano e educador.

Louv (2016) ao apresentar o que ele chama de “transtorno de déficit de natureza” nos diz que este transtorno, que afeta principalmente jovens, é caracterizado pela diminuição da criatividade, do foco e da atenção, além de aumentar o risco de problemas de saúde. O causador disso, o afastamento da natureza, estava sendo pensado como algo gradativo, que acompanhava a evolução dos centros urbanos e a diminuição de áreas verdes. Porém, a pandemia do COVID-19 modificou completamente o cenário que vinha sendo pesquisado. As consequências de uma reclusão forçada foram sentidas por todos, porém as crianças, em momento de descoberta, formando seus hábitos, podem ter tido uma perda maior.

Assim, com estas preocupações e em um contexto de retorno as atividades de modo presencial, experimentei a regência em duas turmas de sexto

ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto de Assumpção, localizada no Balneário dos Prazeres, na cidade de Pelotas, através da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação das Artes Visuais I. Busquei então criar um cenário lúdico, a fim de transportar as turmas para além de suas salas, e propor uma atividade que permitisse o contato dos estudantes com um elemento natural, o barro. Trabalhando o conteúdo de pinturas rupestres separei a aula em alguns momentos; no primeiro apresentei imagens com uma contextualização histórica e estimulei a análise crítica dos estudantes, no segundo momento aguacei a curiosidade em relação aos pigmentos usados nas pinturas deixadas nas paredes das cavernas, como eram feitos e quais elementos eram usados na construção, envolvendo eles apresentei uma clava de madeira surrada e disse que usando ela iríamos esmagar pedras de barro de diferentes cores e criar nossos próprios pigmentos. Até esta parte trabalhei igual com as duas turmas, porém para primeira turma que apliquei esta aula deu uma liberdade maior. Encantados com a proposta, todos queriam participar, com vários potinhos espalhados pela sala eles experimentaram por um bom tempo a mudança de consistência do pigmento conforme adicionavam água ou mais barro seco a mistura. Quando fui passar para o terceiro momento, de desenharem com as mãos em pedaços de papelão usando as misturas feitas, os estudantes já estavam com as mãos mergulhadas em seus potinhos, a sujeira havia se espalhado pela sala, tudo que eles tocavam estava ficando manchado, mas consegui colocá-los sentados produzindo e fiquei após a aula para limpar a sala. A segunda turma tinha aula nos primeiros períodos da tarde, então tentei ordenar melhor a hidratação do barro para não perder o controle. Separei-os em trios e ajudei a adicionar água e a diluir os barros nos potinhos, depois com a mistura já pronta entregava o papelão dizendo que era como se fosse uma parede de caverna que eles iriam usar pra desenhar com as misturas e as mãos.

A análise desse plano de aula, da alteração metodológica que fiz para aplicá-lo uma segunda vez, e dos resultados obtidos nas práticas me fez refletir criticamente sobre as alterações. No primeiro dia os resultados foram fruto de um processo de experimentação, com sobreposição de cores e camadas de barro no papelão. Já as crianças na segunda turma não haviam mergulhado as mãos na argila, sentindo sua textura de diferentes formas, tinham apenas produzido seguindo meus comandos, executando o que era proposto, sem ter a oportunidade de viver a própria experiência com o elemento barro. Assim, produziram desenhos mais simples, poucos se arriscaram a sujar a mão para carimbar a, como havia nas referências de imagens apresentadas no primeiro momento da aula. Relacionei isto com o que Larrosa (2022, p. 18) afirma “Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência.“. A alteração do plano de aula ceifou momento importante de contato com o barro e o que sobrou foi informação e instrução do que e como deveriam fazer. Minha preocupação em não sujar a sala não permitiu que eles tivessem uma verdadeira experiência, como o autor ainda fala.

Fazer soar a palavra “experiência” em educação tem a ver, então, com um não e com uma pergunta. Com um não a isso que nos é apresentado como necessário e como obrigatório, e que já não admitimos. E com uma pergunta que se refere ao outro (para outros modos de pensamento, e da linguagem, e da sensibilidade, e da ação, e da vontade), porém sem dúvidas, sem determiná-lo. (Larrosa, 2022, p. 74).

Eu acreditei que criar um cenário lúdico, levando instrumentos e elementos naturais para sala de aula seria o suficiente para acionar o imaginário dos estudantes. Sendo assim, ambas as turmas teriam uma imersão com processos criativos similares e resultados próximos. Cláudia Mariza Brandão (2012) discorre em sua tese nos dizendo que o imaginário tem alguns significados; sendo formado pelas bagagens de vida, ele acaba por manifestar uma espécie de essência do que está se consolidando no sujeito, algo mais sensível e inteligível. Na minha ideia conseguindo ativar o imaginário a criatividade afloraria sem preocupação com o resultado. Eu não estava errado, porém o que acionou a primeira turma, transportando o imaginário deles para além da sala de aula, foi o que considerei um momento de descontrole. Através do que Louv (2016) chama de “brincar não estruturado”. Os estudantes exploraram as diferentes sensações e texturas da mão em contato com o barro, sem preocupações com alguma ordem ou sujeira, e carregaram esse processo com eles na hora de se expressar desenhando no papelão.

4. CONCLUSÕES

Tendo analisado a minha trajetória, os materiais resultantes das práticas de estágio e alicerçado por uma revisão bibliográfica, pude avaliar a efetividade da sensibilização proporcionada pelo contato com elementos e ambientes naturais, principalmente quando é deixando espaço para que experiências aconteçam naturalmente acionando o imaginário. Assim, considero que a pesquisa pode contribuir para a reflexão sobre a importância deste contato ser estimulado por educadores, colaborando para a adoção de práticas pedagógicas que valorizem essa conexão na formação dos estudantes.

Através das Artes Visuais, diferentemente de outras disciplinas que também voltam o olhar do aluno para a natureza, pode ser dada com maior facilidade esta liberdade da experiência, organizando atividades sem estruturar a ponto de interferir no que possa vir a acontecer, deixando que aconteçam coisas, que a experiência se faça, talvez com o mínimo de informação, mas sem deixar de ser significativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **Entre Photos, Graphias, Imaginários e Memórias**: a (re)invenção do ser professor. 2012. 150f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte. Autentica. 2022.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. São Paulo. Aquariana, 2016